

### **Caminhos da inclusão**

**U**ma realidade tão distante antes de ter filho, nunca imaginei estar de volta ao pátio de uma escola pública, atuando na área educacional. Encontrei meu caminho depois de ser mãe, ao levar meu filho para a educação infantil e por ser mãe solo, quis equilibrar minha vida com a dele. Claro que, mais nova, já tinha vontade de ser professora, meu sonho era usar o uniforme de normalistas e até hoje, não consigo entender o motivo de ter deixado esse sonho passar. A vida me levou para outras áreas de atuação, mas o cheiro de infância me inebriou. As solicitações e urgências em descobrir o mundo que meu filho tinha, me despertaram para o retorno do destino que tinha traçado e abandonei. Nunca é tarde para recomeçar e hoje estou aqui na mesma escola que ele estuda, como mediadora de inclusão, contando os dias para estar aqui como professora concursada. É isso que amo fazer e aqui é o meu lugar! O trabalho como mediadora de inclusão é um processo surpreendente. Não dá pra saber o que, nem como e nem com quem vou trabalhar em cada período. Crianças com autismo, cegueira, surdez, deficiência intelectual, deficiência física, entre outras especialidades que assustam no começo do estágio, quando chegamos sem preparo nenhum, sem base, sem compreensão. Como se fosse algo fácil, os "grandões do contrato" não especificam detalhadamente nossa função. Existem casos leves e casos severos, onde a criança não interage com o mediador. São quatro períodos e hoje estou no último. Foram dois anos dedicados a várias crianças e sinto que essa inclusão ainda tem muito a melhorar para de fato ser chamada de inclusão. A escola que atuo faz milagres, professoras sempre tentando trazer atividades que possa envolver o aluno. Nem sempre é fácil!

Imagem 1 – Pátio da escola



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Fico pensando onde vamos chegar com isso? Alguns são contra a inclusão e acham que as crianças em escolas separadas é a solução. Outros acham que ali elas estão progredindo e não tem a necessidade de tirá-las do saudável convívio em sociedade, dentro do núcleo escolar. Eu concordo! Porém, penso que o que falta é a atenção dos "graúdos", utilizo esses termo pra não entrar em mérito de políticas públicas, embora isso seja pura falta de cuidado e vontade de criar meios para que essa inclusão dê certo. Dentro desses dois anos, não trabalhei em uma escola só e pude estar com várias crianças, dentro de um sistema de rodízio quando minha criança faltava. É engraçado pensar que tentam acabar com o assistencialismo das creches e jogam os especiais sem noção de seus cuidados. O uso indiscriminado de estagiários sem preparo, geralmente aceitos no segundo período da faculdade, mostra que não ligam muito para o resultado do processo e só os números maquiados importam. São seres humanos, sabia?! Quando uma das minhas crianças fez o famoso nº dois, entrou em ação uma pessoa que eu não conhecia direito e até pensei que era estagiária como eu. Parecia uma baratinha tonta dentro da escola, tampando o buraco das várias crianças excluídas, ops... incluídas de maneira especial por pessoas sem noção da realidade. Nesse momento ela me ajudou e me explicou o cargo dela. Ela ganha em média um salário mínimo e é concursada! O cargo é exatamente o que eu faço, a diferença é que ela fica com mais crianças por dia, precisa dividir a agenda, precisa ser professora, psicóloga, assistente social, pedagoga, enfermeira, etc. O salário dela é o mais baixo dos concursados, tira líquido menos que um salário mínimo. Eu juro que não consegui acreditar, até ela me provar. Uma categoria tão importante e tão maltratada, que em vez de ser revista, está sendo substituída por estagiários com mão de obra mais barata, que mesmo embora não façam tudo que os profissionais fazem, ganham no valor e na quantidade. É inacreditável! Isso precisa ser revisto urgente! Vejo tantas categorias de greve, mas

elas me disseram que não entram, pelas crianças que atendem. O vínculo, o respeito pelo ser humano que precisa de cuidados especiais é maior do que as solicitações pela melhoria e reconhecimento merecido. Algumas crianças gritam muito, batem em tudo e em todos, a professora com uma sala lotada de alunos não consegue dar conta de conter os ímpetos do aluno especial. Não é culpa dele e nem dela. É um processo complicado e delicado, sem visão e sem cuidado. As crianças merecem estar ali, mas precisam de ambientes e profissionais qualificados e não uma avalanche de estagiários pra suprir números. Não que não seja importante! Os estagiários quando encontrar casos leves, conseguem de boa atender e auxiliar nas tarefas básicas, mas nem sempre são condições tranquilas. Como fazer a sala de aula prosperar sem o controle do ambiente e sem recursos necessários para os alunos com laudo ou sem laudo, mas com dificuldades, as professoras com jornada dupla e os auxiliares sobrecarregados possam exercer seu papel escolar? Eu quero uma escola de qualidade para meu filho e para todas as crianças. É direito deles!

**Sobre a autora:** Erica Amaral de Oliveira, 37 anos, mãe solo, atriz, modelo, confeitadeira, escritora, produtora de eventos, estudante de pedagogia da UERJ, professora de alfabetização do projeto Tempo de Aprender e Mediadora de Inclusão em Escola Pública do Rio de Janeiro.